



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

“FRONTEIRAS DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO EM *O LUSTRE* (1946) E *A HORA DA ESTRELA* (1977)”.

Danieli Adriane da Rocha Aguiar¹; Rogério da Silva Pereira²

¹Bolsista de Iniciação Científica da UFGD; ²Orientador, Professor FACAILE

O artigo aborda os romances *O lustre* (1946) e *A hora da estrela* (1977), ambos de Clarice Lispector, no quadro dos dois períodos literários em que foram produzidos a saber, respectivamente, a terceira fase do Modernismo literário brasileiro e a contemporaneidade. O estudo visa identificar semelhanças entre enredos e personagens, além de identificar as formas de representação do outro presentes nos dois romances, para tanto faz um estudo preliminar do romance como gênero literário. Além disso, tomemos como base a “vida” de Clarice Lispector enquanto uma das maiores escritoras da literatura brasileira, o que se mostra evidente a partir de seu primeiro romance: *Perto do Coração Selvagem* (1944). Os dois romances ora estudados refletem sobre a submissão por parte de duas personagens distintas, porém, muito parecidas, Macabéa e Virgínia. Ambas dependentes de outras pessoas e com pouca perspectiva.

Os principais objetivos do trabalho são: explicitar semelhanças e diferenças entre enredo e personagens dos dois romances; explicar a forma como o outro é representado nos dois romances, levando-se em conta os contextos em que foram produzidos; explicitar aspectos que permitam entrever questionamentos dos procedimentos tradicionais de representação do romance; Contribuir para o projeto “Fronteiras da Literatura brasileira contemporânea”, desenvolvido pelo professor Rogério Silva Pereira, na FACAILE/UFGD, no que diz respeito às diferenças entre Modernismo e contemporaneidade literária brasileira.

A hora da estrela da estrela, romance de Clarice Lispector, é publicado poucos meses antes da morte da autora, em 1977. É o último livro publicado em vida pela autora (Cf. NUNES, 1989, p. 64). Segundo Benedito Nunes, em *A hora da estrela*, “três

histórias se conjugam, num regime de transação constante” (NUNES,1989, p. 64): a da protagonista Macabéa, a do narrador, que conta sua própria história e a história da escrita da história de Macabéa.

Normalmente a crítica define o texto pela tensão entre a voz narrativa/autoral e a personagem Macabéa. O texto, assim, escreve-se em duas frentes: a da representação de uma ação (ou: das ações de Macabéa) e o da explicitação da ação de representar (que inclui aspectos da fatura do texto narrativo em si) (Cf. BASTOS, 2002, p.147,148). Benedito Nunes diz que o romance, faz uma “problematização das formas narrativas tradicionais e da posição do narrador em sua relações com a linguagem e a realidade (Cf. NUNES, 1989, p. 64)”.

Já *O Lustre* (1946) é o segundo romance publicado de Clarice Lispector (1925-1977).O livro é recebido como romance importante à época de sua publicação, quando Clarice tinha 21 anos e já tinha escrito *Perto do coração selvagem* (1944). Gilda de Melo e Souza, crítica literária da época escreve em 1946:

Há três anos a sra. Clarice Lispector estreava espetacularmente na literatura com *Perto do coração selvagem*. Então, já demonstrava qualidades excepcionais de romancista, enorme originalidade de estilo e rara penetração psicológica. Agora, publica seu segundo livro – a meu ver ainda mais significativo que o anterior – reafirmando essas qualidades e colocando-se, definitivamente, na primeira linha dos nossos escritores (SOUZA, 1989, 171).

O lustre hoje é livro quase que esquecido. Quando é solicitado a um crítico ou a alguém que gosta de literatura algum livro da autora *O lustre* dificilmente será citado. Trata-se, de fato, de romance quase esquecido. Esta condição de quase esquecimento do livro dentro da obra da autora é apontada por alguns críticos recentes (Cf. RONCADOR, 2002, p.12; PONTIERI, 2006). Regina Pontieri, em seu livro *Clarice Lispector, um poética do olhar* (2001), mostra a situação geral da crítica em relação a *O lustre*. A crítica fala que o livro ocupa uma posição “fraca” dentro da obra. Para ela, *O lustre*, junto com *A cidade sitiada* (o terceiro romance de Clarice Lispector, de 1949), como romance do “tempo fraco”. Sendo assim teríamos romances do “tempo forte”, por exemplo, *Perto do coração selvagem*, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo G.H.*, percebidos como obras de maturidade, em oposição aos dois já citados, incluindo aí *O lustre* (Cf. PONTIERI, 2001, p.37).

Esquecido pela crítica, *O lustre* é, contudo, romance que não foi esquecido por Clarice Lispector, pois parece que ele se assemelha muito a *A hora da estrela*, como vimos, romance publicado 30 anos depois. A começar pelas mortes das protagonistas,

por atropelamento, no final do romance. Ambas, Virgínia (de *O lustre*) e Macabéa (de *A hora da estrela*) são, além disso, muito parecidas em suas caracterizações e na sua relação com os homens em geral. Em *O lustre*, a relação com Daniel é sempre brutal:

Daniel *encolerizava-se*, empurrava-a apertando-lhe o braço, chamando-a de ignorante, [...] Virgínia temia-o, porém não lhe ocorria sequer escapar a seu domínio (LISPECTOR, 1999, p. 57, grifo nosso).

Virgínia [...] você é vulgar e estúpida – sim, por Deus, que ela o era – [...] porque você não pensa, como se diz, com profundidade, por que você só sabe seguir o que lhe ensinaram [...] A Sociedade das Sombras manda que você amanhã entre no porão, sente e pense muito, muito para saber o que é de você mesma e o que lhe ensinaram (LISPECTOR, 1999, p. 57, grifos nossos).

A falta de consciência de Virgínia em relação a Daniel e sobre si mesma é atestada pelo texto. Também em *A hora da estrela* vemos relação semelhante entre Macabéa e seu namorado, Olimpico. Eis uma das falas do namorado para a moça:

– Vá para o inferno, você só sabe desconfiar. Eu só não digo palavrões grossos por que você é moça donzela (LISPECTOR, 1998, p. 49).

Assim, podemos dizer que ambos romances trazem semelhanças, seja no enredo, seja na estrutura. Isto é, acreditamos que questões de problematização das formas narrativas tradicionais (Cf. NUNES) e, sobretudo questões de representação do outro (Cf. DALCASTAGNE, 2000). Com efeito, se em *A hora da estrela*, vemos uma Clarice (travestida do narrador Rodrigo S. M.), afeita à representação de uma mulher muito diferente dela mesma. Também vemos isso em *O lustre*.

O processo de escrita conduzido pelo narrador de *A hora da estrela* parece o de migração a um outro mundo. De seu mundo, o de intelectual escritor e homem rico, ao mundo de Macabéa, uma migrante, semi-analfabeta; da literatura “verdadeira” ao prosaico mundo dos fatos; dos gêneros superiores como o romance, aos gêneros inferiores como a crônica e a reportagem. Ele mesmo diz sobre si: “É. Parece que estou mudando de modo de escrever” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Rodrigo tem de se transformar em um escritor legítimo a representar Macabéa. O processo é ele todo uma reflexão sobre as formas narrativas tradicionais aludidos por Nunes.

Por seu turno, já em 1946, *O lustre* também coloca questões de representação do outro e de questionamento do modo tradicional de narrar. Clarice Lispector se põe, já nesse seu segundo romance, a representar uma personagem, Virgínia, em tudo diferente dela mesma e da personagem do romance de estréia, Joana, de *Perto do Coração selvagem*. Se Joana era, por assim dizer, uma projeção da própria Clarice Lispector em sua juventude, inteligência, vocação artística, liberada e libertária, Virgínia, por sua vez, é o posto das duas. Ela é personagem sem inteligência, submetida e submissa às vontades dos homens, pai, irmão, amantes, etc – mais próxima, portanto, de Macabéa, como se pode depreender.

Assim, a diferença entre *A hora da estrela* e *O lustre* é que Clarice opera isso em dois momentos muito diferentes da literatura brasileira do século XX, a saber, 1) a terceira fase do Modernismo, que ela ajuda a inaugurar; 2) os primórdios da literatura brasileira contemporânea.

Explicitar as diferenças entre os romances é entrever questões fundamentais sobre o ambos períodos literários e, por decorrência, fundamentais para o projeto no qual este plano de trabalho se insere, o projeto “Fronteiras da Literatura Contemporânea”. A questão fundamental que perpassa o projeto é justamente sobre a representação do outro. De fato, na contemporaneidade uma questão dita central é a da emergência da autorepresentação (Cf. o aparecimento de escritores como Paulo Lins e Carolina Maria de Jesus, e a crise da “heterorepresentação”, isto é escritores (letrados, etc) que tinham, por assim dizer, o mandato para representar os marginais – o melhor exemplo foi Graciliano Ramos representando o Fabiano de *Vidas secas*).

Já em 1946, a escritora demonstra uma notável percepção para estas questões de representação que só iriam se tornar agudas nos anos 1960 e 1970, com a crise dos procedimentos do Modernismo. Estudar *O lustre* em cotejo com *A hora da estrela* é permitir que estes aspectos se explicitem num romance (*O lustre*) que é pouco estudado.

Nos dois romances em questão, Clarice sabe a diferença entre ela própria, intelectual e mulher, e suas personagens, mulheres submetidas à dominação masculina, sem consciência desta dominação. Clarice sabe que é preciso representar estas mulheres com características diferentes das características da própria autora.

Pereira (2007) mostra a dificuldade de representação do outro em trabalho sobre *A hora de Estrela*. Neste romance, a autora questiona os problemas de representação de um homem rico, letrado e escritor (o narrador, Rodrigo S. M.) que quer representar uma nordestina, pobre e semi-analfabeta.

É notável, apesar dessa evidência, o quanto Rodrigo se esforça por se negar como intelectual e de se aproximar virtualmente do universo de Macabéa. Começa, logo no início do texto, a se caracterizar como um artesão por oposição a essa condição de intelectual. Diz: “eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo”, “sou um trabalhador manual” (AHE, p. 19); “não é fácil escrever; é duro como quebrar rochas” (AHE, p. 19), “é trabalho de carpintaria” (p. 14). Implícita aqui está a idéia de que para falar de Macabéa é preciso parecer-se com ela (PEREIRA, 2007, p.22).

Pereira mostra o esforço de Clarice por deixar evidentes estas diferenças entre pobres e ricos dentro de seu romance. Estas diferenças são maiores que simplesmente diferenças econômicas, elas provocam também diferenças de consciência e de visão de mundo. Também mostra a crise de identidade que atinge o escritor quando ele tem que representar o brasileiro pobre através da escrita. O que ressalta em Clarice Lispector é a

consciência das diferenças na hora de escrever sua ficção. Esta diferença ela vê em si mesma. Não é à toa que mostra-se parecida e diferente de Rodrigo S.M., o narrador e de Macabéa, a protagonista. Com isso Clarice quer evidenciar que é consciente do quanto está representando personagens diferentes de si mesma em seus livros.

Também vemos isso em *O lustre* ao percebermos as diferenças entre Clarice e sua protagonista Virgínia. Como vimos é um romance dos anos 40, escrito mais de trinta anos antes de *A hora da estrela*. Já naquele momento, Clarice tinha consciência das diferenças entre mulheres. Clarice é diferente da maioria das mulheres de seu tempo, sabe disso e representa estas diferenças no próprio ato de narrar. Isso fica ressaltado quando vemos as formas diferentes com que as protagonistas são representadas nos diferentes livros de Clarice Lispector, como vimos acima.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. A meia marrom. In: _____. Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In:_____ História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tema e técnica. Remate de Males, Campinas, n. 9, p. 177-179, 1989.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. O Lustre. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. Perto do Coração Selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LODGE, David. A arte da ficção. Porto Alegre : L&PM, 2010, p. 52.

NUNES, Benedito. “Reflexões sobre o moderno romance brasileiro”. In: Proença Filho, Domício. O livro do seminário: ensaios. São Paulo: L. R. Editores Ltda., 1989, p. 43-69.

NUNES, Benedito. O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.

NUNES, Benedito. O mundo de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1966, p.56.

PEREIRA, R. S. A hora da Estrela como alegoria satírico-irônica da vida republicana Brasileira. *Raído* (UFGD). , v.n.1, p.21 - 31, 2007.

PONTIERI, Regina. Clarice Lispector, uma poética do olhar. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2001.

RONCADOR, Sônia. Poéticas do empobrecimento: a escrita derradeira de Clarice Lispector. São Paulo: Anna Blume, 2002.

SOUZA, Gilda Melo e. O Lustre. In: Remate de Males. Revista do departamento de Teoria Literária da Universidade de Campinas, Campinas, n.9, p.171, 1989.